

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16975 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO INTERVALO ESCOLAR? PARRESIA E HETEROTOPIAS?

José Janerson de Matos Moraes - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESC

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO INTERVALO ESCOLAR? PARRESIA E HETEROTOPIAS?

RESUMO: O neoliberalismo quando perpassa o ambiente escolar, introduz uma formação continuada que prioriza a eficiência do professor, importando do mercado uma lógica que transforma o protagonismo docente em autocobrança pela eficácia. A abordagem tradicional da formação continuada de professores, que oferece conteúdos e métodos prontos, impõe verdades absolutas e define um único modo de ser professor. Em contrapartida, surge a discussão sobre a ética do cuidado de si, sob uma perspectiva foucaultiana. Este trabalho integra o conceito de heterotopia ao intervalo escolar, investigando as possibilidades do intervalo como resistência e liberdade, no qual os professores podem expressar-se e participar de uma formação continuada mais autêntica, rompendo com a lógica neoliberal. O intervalo escolar se transforma em um lugar potencial para uma formação continuada de professores que valoriza o desenvolvimento individual e coletivo dos docentes, permitindo que sejam sujeitos ativos em seu próprio processo formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada de Professores. Intervalo. Neoliberalismo. Parresia.

O avanço neoliberal produz efeitos em diversas áreas da sociedade. A educação, como espaço de formação humana, recebe muitas investidas dos interesses neoliberais. Assume-se, assim, que o alcance neoliberal atua, também, sobre a escola e seus elementos constitutivos, inclusive a formação continuada de professores. A questão central deste trabalho é: que espaços podem ser usados na formação continuada de professores que permitam práticas de liberdade e uma identidade crítica do docente, mesmo dentro da lógica neoliberal? Em uma tentativa de reflexão sobre essa indagação inicial, pretendemos analisar o intervalo escolar como possibilidade de formação continuada de professores/as parresiastas. Entendemos o intervalo escolar como uma heterotopia, enxergando neste tempo dentro do tempo escolar também um lugar que pode ser privilegiado com menos amarras institucionais e que colaboram para a autonomia e autenticidade do que se deseja na docência.

O presente trabalho constitui-se como uma revisão bibliográfica de uma pesquisa de mestrado em andamento, valendo-se do aporte teórico de Michel Foucault e de outros autores que problematizaram sobre o tema em questão. Dardot e Laval (2016), por exemplo,

descrevem a racionalidade da qual o neoliberalismo se utiliza para promover as lógicas próprias do mercado em outras esferas da sociedade, incluindo o espaço escolar. Nesse itinerário os valores promovidos são de competição e busca por eficiência. Em meio a essa lógica, parecem ser limitadas as zonas de escape para a autonomia dos professores, uma vez que o pensar e o agir mercadológico impregnam o ambiente escolar.

Essa limitação de liberdade e, até mesmo, de reflexão, dentro da escola e, por consequência, dentro da prática docente, é também discutida por Larrosa (2019).

Por outro lado, na fábrica pós-industrial, o que se faz é aprender. Não é que a escola se prepare para a fábrica (mantendo-se separada dela), mas sim que a escola e a fábrica compartilham, pela primeira vez, os mesmos princípios de funcionamento. O que o capitalismo cognitivo capitaliza, isto é, explora e converte em valor, é a aprendizagem, a criatividade, a invenção, a inovação, a colaboração. (Larrosa, 2019, p. 244)

Se considerarmos que, com o neoliberalismo, a formação continuada dos docentes adquire um viés instrumentalizado, e o foco está em adquirir cada vez mais técnicas que maximizem sua eficiência e produzam também mais alunos eficientes para o mercado, tudo isso interfere decisivamente como um impedimento para que seja apresentada uma identidade crítica e forte da figura do professor/a.

Rosseto e Doro (2021) investigam três modelos de formação continuada. A formação continuada tradicional, focada muito mais em verdades já preestabelecidas, na qual a figura do explicador é suficiente para transmitir o “jeito certo” de ser professor/a. Na formação continuada tradicional não há muito espaço para que o professor fale, ele é um receptor de métodos “novos”. É importante falar que essa forma tradicional não consiste em repetir mais do mesmo. Os conteúdos e métodos ensinados são sempre atualizados com o tempo. O que não muda é a forma de realizar a formação e o desejo de moldar o professor para que se encaixe no tipo certo de docente. A formação continuada tradicional reclama de professores desinteressados nas palestras, que pouco usam do que ouvem. Contudo, como poderia se esperar muito interesse de alguém que só escuta?

Na formação continuada neoliberal passou-se ao discurso do professor protagonista. Esse tipo de postura foca em trazer um jeito novo de fazer a formação continuada e não apenas uma mudança de conteúdos ensinados. O que ocorre, no entanto, são professores que, agora, por serem protagonistas, devem resolver por si uma variedade de implicantes ligados com sua prática docente. A formação continuada neoliberal torna-se espaço de fazer do professor alguém eficiente, que inclusive cuida de si, mas, porque “bem cuidado” psicologicamente, fisicamente e intelectualmente, pode maximizar as entregas das quais o mercado precisa e espera da escola, a saber, alunos eficientes, bons profissionais.

Servindo a interesses outros, a formação continuada tradicional e neoliberal reduzem as práticas de liberdades dos professores, ora por já estar com a formação pronta, ora por relegar aos professores formarem-se em cima de uma ótica mercadológica. Rosseto e Doro (2021) trazem em sua reflexão a terceira possibilidade de formação continuada, na qual a

postura do professor se flexiona sob a exigência ética do cuidado de si.

É a verdade elaborada pelo sujeito, cotidianamente, ao colocar sua realidade em permanente diálogo consigo mesmo que é capaz de salvá-lo, primeiramente de si mesmo e, por consequência, do autoritarismo externo, provindo do sistema. Se entendida pelo cuidado de si, a formação continuada pode significar, portanto, um modo de transformação. (Rossetto; Doro, 2021, p. 20)

O(a) professor(a) é entendido(a) como alguém que pode sugerir temas para suas formações continuadas e onde esses encontros partem de uma realidade que é própria das demandas desses docentes. Não existe aqui uma verdade superior que é colocada, ou um discurso exterior, potente e atravessador, que diz como deve ser a formação.

Entre as práticas de si, Michel Foucault (2010, p. 334) afirma: “a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer” são próprias da parresia, que se constitui em uma fala franca, em dizer o que se pensa, apesar dos riscos. Esta pesquisa em andamento, investiga, como outros espaços podem contribuir com uma nova visão de formação continuada de professores, voltada para práticas de liberdade e com reflexão sobre si que recaiam na ideia de cuidado de si, proposta por Michel Foucault.

Uma das pistas para essa problemática pode ser encontrada na conferência de Foucault chamada “De Outros Espaços” (2003), precisamente quanto ao conceito de heterotopia, em que são apresentados lugares que não são fixos ou rígidos em suas estruturas. Um navio, por exemplo, é um espaço que não é fixo, lançado ao mar, pode transportar os passageiros de um ponto fixo para outro ponto fixo. Nesse contexto de entre meios, surge na heterotopia a ideia do intervalo como tempo e como espaço. Nenhuma grande mudança ocorre abruptamente, existe sempre o espaço da transição, o espaço do intervalo, ali as regras são mais plásticas e existe, se é possível dizer, maior liberdade, pois o intervalo não se configura como algo institucional, pronto, definido.

Assim, no intervalo escolar, que acontece entre os muros da escola, entre a institucionalidade curricular das aulas, os professores podem se olhar, ver que existem outros iguais a si, e podem falar daquilo que lhes toca. Este trabalho propõe que o intervalo escolar seja pensado como modelo inicial para uma formação continuada de professores, onde práticas de liberdade e de reflexão crítica possam emergir. Talvez ali já aconteça, em alguma medida, essa formação continuada com professores que falam e que são realmente protagonistas. A fala franca encontrada no intervalo escolar da sala dos professores é um fio que ajuda a tecer o tecido do cuidado de si.

REFERÊNCIAS

CANDIOTTO, Cesar. O Pensamento do Mesmo: entre utopias e heterotopias. **Revista dois pontos:**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 37-51, abr. 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1981-1982). 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da verdade**: O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV**. Tradução de Elisa Monteiro, Eduardo Jardim Morais e outros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. 1 ed. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

ROSSETO, Miguel da Silva; DORO, Marcelo José. Formação continuada enquanto ética do cuidado de si. **Roteiro**. Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021.